

# Apresentação

## América Latina: zona do não-ser?

1

O capital absorve heterogeneidades e as faz parte de si mesmo, sendo o único universal que totaliza o mundo e o transforma no Um. A desorientação pós-moderna, ou a associada à etiqueta do *contemporâneo*, que vivem jubilosamente entre trevas, são, nesse sentido, formas de endereçamento, que apontam sem perigo na direção do Ocidente capitalista, e nessa direção criam, e eternizam, narrativas históricas, critérios de valor, hierarquias, seleções, discriminações, sínteses, enfim: cânones. Depois da morte do sujeito, do autor, e depois do fim da história, surge o *corpo separado e presente de cada um* (a singularidade biopolítica), e se populariza a ideia de que essa redução ao corpo é a realidade última para sobreviver ao esgotamento (infindável) da cultura burguesa.

Ora, quando pensamos a partir da dependência, é possível se teorizar uma “imaginação pública” sem uma conseqüente crítica do capitalismo? A imaginação pública tem donos? Se tiver donos e for privada, como *a rede*, como falar sobre o fim da lógica dos campos? *América Latina* é possível apenas como *especulação*?

Anti-fundacionais, anti-metafísicas e pós-utópicas, as singularidades latino-americanas se multiplicam em entre-lugares, taoísmos neobarrocos, realidadeficções e dentroforas, espaçotempos e pós-autonomias,

hibridismos, ambivalências entre a série semiótica e a série semântica, entre presença e ausência, entre a leitura e a escrita, ou entre a oralidade e a escritura. Todas essas figuras de indecidibilidade adotadas pela ideologia da mestiçagem na área hegemônica da proteiforme reflexão sobre a literatura latino-americana, particularmente a da segunda metade do século XX e dos primeiros anos do XXI, operaram uma estetização da política que fez com que, longe de conjurar definitivamente a Modernidade, lhe servissem como câmaras de ressonância.

Essa continuidade e essa estetização são objeto de várias perspectivas críticas, e o que todas essas críticas têm em comum é a abordagem do debate sobre a Modernidade a partir de situações de exterioridade. Nesta chamada *Landa* propõe pensar o debate sobre a arte e a literatura latino-americanas a partir da vasta “zona do não-ser”, para apresentar alternativas ao confinamento acima mencionado, e partindo da ideia de que cabe a um pensamento que considere posições e situações na exterioridade da clausura modernidade-pós-modernidade efetivar uma politização da arte que realmente consiga subsumir os tacanhos universalismos abstratos em pluriversos e formas de vida transmodernas.

É em torno destas questões inadiáveis que a revista *Landa* abriu a Chamada para sua primeira edição de 2024. Afortunadamente, a resposta foi heterogênea, rica, pluriversal, como passamos a descrever.

No ensaio “A(s) encruzilhada(s) de Macunaíma”, o destacado crítico Alexandre Nodari traça cuidadosamente alternativas ao herói mariandradiano a partir da autoleitura de seu criador. Indígena, afrodiaspórico, Makunaíma encontra nos descaminhos trilemáticos formas de encantamento que entrecruzam mundos da vida até então julgados inacessíveis por estarem mergulhados no não-ser. Alessandra Guterres Deifeld, no artigo “Do Ayvu Rapyta ao potyguês: tecnologias de linguagem que afundam caravelas”, escuta o inaudito, e também o lê, em palavras que se inscrevem na aragem entre sagrado e profano, movimentando memória, sobrevida e território e dando continuidade àquilo que a violência colonial pretendeu ynterromper.

Valdir Olivo Júnior analisa o processo de criação de *Respiración artificial* (1980), com que Ricardo Piglia entrecruza disparatada e

criativamente o que se pretendia separado: Borges e Arlt. Em “Para sobreviver nas *borderlands* deve-se viver sem fronteiras”, Pâmela Juliana Nogarotto aborda *Como matar a besta* (2021) de Agustina San Martín e o livro *Mandíbula* (2018) da equatoriana Mónica Ojeda, para evidenciar o que vive nas soleiras entre feminino e bestial, perigo e desejo.

Gladir da Silva Cabral e Lucas Garcia Nunes, em artigo belamente intitulado “Samba é que nem passarinho, é de quem pegar primeiro: uma discussão a respeito das atividades de um malandro chamado Baiaco”, pensam a propriedade intelectual negra em sambas das décadas de 1920 e 1930. “A literatura de autoria feminina como contradiscurso: dilemas e desafios das escritoras na América Latina”, por sua vez, de autoria de Suzane Morais da Veiga, repensa a historiografia literária através de contradiscursos e questionamentos das escritoras latino-americanas Juana de Ibarbourou e Gilka Machado.

Em “A (não) dessocialização indígena”, Fábio Augusto Steyer e Angela dos Santos Salto analisam, via Volochinov, a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, para evidenciar como métodos coloniais realizaram (e não) o apagamento dos povos originários. Dani Leobardo Velásquez Romero elabora, a partir da *Estética da Libertação* de Enrique Dussel, alternativas desde a zona do não-ser, isto é, alguns elementos de pesquisa para o campo dos Estudos Literários, tragicamente capturados pela modernidade, pelo eurocentrismo e pelo mito do progresso.

Maryllu de Oliveira Caixeta, encerrando brilhantemente a chamada, apresenta “Conjugando dos polos del campo crítico brasileño: el culturalismo humanista de la tradición y las teorías desplegadas del (pos)estructuralismo”, em que resenha criticamente o fundamental *Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido* (2023) de Anita Martins Rodrigues de Moraes.

O nosso dossiê “Dramaturgias em trânsito” com organização e apresentação de Maciej Rozalski, inclui textos emanados do grupo de pesquisa homônimo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O Grupo, dirigido por Rozalski e por Rubens da Cunha, performa as suas produções e pesquisas em laboratórios prático-teóricos, com foco nas artes

cênicas e em metodologías inter e transdisciplinares de escrita experimental, dramaturgia e diversas estratégias decoloniais.

A nossa seção “Olhares” neste número tem a inestimável contribuição do professor Jerome Branche (Pittsburgh University), que em “Malungagem” ensaia uma teoria sobre a diáspora africana e sobre sua vívida vida que, mesmo sob regime pós-colonial e globalizado, habita o ativismo discursivo da afrodescendência.

Tomamos palavras do professor Branche, no ensaio acima mencionado, para celebrar as distintas contribuições que compõem este número, dedicado ao não-ser e à sua respiração latino-americana: elas, todas, “formam um baluarte contra o esquecimento e assumem uma posição em relação à injustiça de ontem e de hoje. Seu objetivo final, assim como o dos antigos quilombolas, está na conquista de cada vez mais liberdade”.

A equipe editorial